

Audrei Gesser

LIBRAS?

que língua é essa?

CRENÇAS E PRECONCEITOS EM TORNO DA LÍNGUA DE SINAIS E DA REALIDADE SURDA



π
parábola

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

FOTOS DA CAPA E CONTRACAPA:  stockxpert
by Achmetragos

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipo]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

G332L

Gesser, Audrei, 1971-

LIBRAS? : Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda / Audrei Gesser ; [prefácio de Pedro M. Garcez]. - São Paulo : Parábola Editorial, 2009.
(Estratégias de ensino ; 14)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7934-001-7

1. Língua de sinais. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Surdos - Educação. 4. Surdos - Linguagem. 5. Surdez. I. Título. II. Série.
09-3807

CDD:419

CDU 81'221.24

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

Fone: [11] 5061-9262 | Fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-001-7

© do texto: Audrei Gesser

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, agosto de 2009

Sumário

PREFÁCIO: DE UM IDEAL PRECÁRIO À ARTICULAÇÃO DO
ÓBVIO QUE AINDA PRECISA SER DITO [Pedro M. Garcez] 7

INTRODUÇÃO 9

I. A LÍNGUA DE SINAIS 11

A língua de sinais é universal?, 11

A língua de sinais é artificial?, 12

A língua de sinais tem gramática?, 13

A língua dos surdos é mímica?, 19

É possível expressar conceitos abstratos na língua de sinais?, 22

É uma língua exclusivamente icônica?, 23

A língua de sinais é um código secreto dos surdos?, 25

A língua de sinais é o alfabeto manual?, 28

A língua de sinais é uma versão sinalizada da língua oral?, 33

A língua de sinais tem suas origens históricas na língua oral?, 35

A LIBRAS 'falada' no Brasil apresenta uma unidade?, 39

A língua de sinais é ágrafa?, 42

II. O SURDO 45

Surdo, surdo-mudo ou deficiente auditivo?, 45

O intérprete é a 'voz' do surdo?, 47

O surdo vive no silêncio absoluto?, 47

O surdo precisa ser oralizado para se integrar

na sociedade majoritária ouvinte?, 50

- O surdo tem uma identidade e uma cultura próprias?*, **52**
O surdo não fala porque não ouve?, **55**
O surdo tem dificuldade de escrever porque não sabe falar a língua oral?, **56**
O uso da língua de sinais atrapalha a aprendizagem da língua oral?, **58**
O surdo precisa da língua portuguesa para sobreviver na sociedade majoritária ouvinte?, **59**
Todos os surdos fazem leitura labial?, **60**

III. A SURDEZ 63

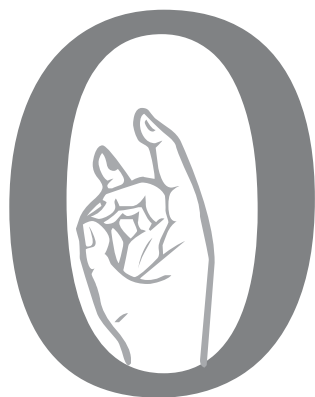
- A surdez é um problema para o surdo?*, **63**
A surdez é uma deficiência?, **64**
Por que a surdez é vista negativamente na sociedade?, **67**
A surdez é hereditária?, **69**
Há diferentes tipos e graus de surdez?, **71**
Aparelhos auditivos ajudam o surdo a ouvir melhor?, **73**
O implante coclear recupera a audição do surdo?, **75**
A surdez compromete o desenvolvimento cognitivo-linguístico do indivíduo?, **76**
Que momento nós vivemos?, **78**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 81

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 85

De um ideal precário à articulação do óbvio que ainda precisa ser dito

PEDRO M. GARCEZ



celebrado sociólogo Erving Goffman, na madureza de sua obra final, articula o ideal de todo palestrante de que a platéia esteja de fato engajada na escuta do que ele diz pelo que diz, e que assim seja levada bem além do auditório para os cenários e ocasiões no mundo onde o tema de que trata se faz vividamente relevante. Além de ser um ideal, esse é ainda um ideal precário, porque escutar é bem mais que ouvir.

Foi num encontro de sala de aula em meados da já distante década de 1990 que, hoje sei, fui escutado, e o meu ideal precário tomou contornos definidos. Tratava da natureza da linguagem natural humana, me dirigindo a ingressantes no mestrado em inglês da Universidade Federal de Santa Catarina, quando surgiu a questão — fascinante e ainda incrivelmente desconhecida da platéia — de que as línguas de sinais são línguas naturais tão humanas quanto as demais e que não se limitam a um código restrito de transposição das letras do alfabeto.

Tive indícios de ter sido escutado logo quando se apresentou diante de mim uma aluna com sua curiosidade, que resulta na presente obra. De um ensaio sobre as questões suscitadas pela discussão na disciplina, ela seguiu para localizar os espaços antes invisíveis na universidade, onde

a LIBRAS poderia estar disponível, aí encontrando a própria língua, seus usuários protagonistas, os surdos, bem como pais e educadores de surdos, e uma prosaica gente como a gente, interessada em conceber um mundo feito também por quem, sem ouvir, pode escutar.

O percurso não parou aí, e Audrei engajou-se em pesquisa sistemática que indagava como se organizaria uma aula de LIBRAS como língua adicional para pais e educadores de crianças surdas. O trabalho mostrou cenas de sala de aula, como a que tenho registrada na memória, do professor surdo virado para a lousa, de costas para a turma, à espera de atenção para ser escutado. Aprendemos todos a ver como era preciso que esses aprendizes ouvintes antes de tudo construíssem um entendimento do que seria uma língua nessa até então insuspeitada modalidade espaciovizual. Em meio a isso, Audrei visitava escolas e se aproximava das comunidades surdas, de Campinas, SP a Washington, DC.

Nessas cidades, as reflexões no IEL-Unicamp sobre as diversas comunidades sociolinguisticamente complexas no Brasil e a convivência em meio a uma comunidade acadêmica protagonizada por surdos na Universidade Gallaudet ampliaram o universo de escutas proveitosas da autora, amadurecido em sua tese de doutorado sobre as identidades em jogo quando ouvintes aprendem LIBRAS.

Por isso, é mais que oportuno que ela venha a público nesta obra para dizer um pouco do que, como ela mesma afirma na introdução, é o óbvio que ainda precisa ser dito para que mais ouvintes tenham conhecimento do rico universo humano que se faz nas línguas de sinais, com as línguas de sinais, e particularmente com a Língua Brasileira de Sinais, essa LIBRAS que nos toca de perto, se soubermos escutar para vê-la. É grande a satisfação de ter sido escutado naquela tarde na UFSC e de ter participado do início do percurso que se revela aqui para tantos quantos venham a escutar.

PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 2009.

Introdução

“Nenhuma opinião, verdadeira ou falsa, mas contrária à opinião dominante e geral, estabeleceu-se no mundo instantaneamente e com base numa demonstração lúcida e palpável, mas à força de repetições e, portanto, de hábito” (LEOPARDI).



LIBRAS É língua.” Foi este o título escolhido para a palestra apresentada por uma linguista em um evento cujo público alvo era o estudante do curso de letras. Uma professora que trabalha na área da surdez, mencionando o título, fez o seguinte comentário: *“De novo? Achei que essa questão já estava resolvida!”*

Foi esse episódio que me veio à mente no momento mesmo em que comecei a reler este livro, então já rematado, e que me fez recomeçar justamente a partir desse protesto. De fato, o comentário faz sentido, e a sensação é mesmo a de um discurso repetitivo. Ainda é preciso afirmar que LIBRAS é língua? Essa pergunta me faz pensar: na década de 1960, foi conferido à língua de sinais o *status* linguístico, e, ainda hoje, mais de quarenta anos passados, continuamos a afirmar e reafirmar essa legitimidade. A sensação é mesmo a de um discurso repetitivo. Entretanto, para a grande maioria, trata-se de uma questão alheia, e pode aparecer como uma novidade que causa certo impacto e surpresa:

Não adianta, é sempre a mesma coisa. Quando estamos em um evento que fala para quem está fora do meio da surdez, tudo é novidade mesmo! As pessoas ficam espantadas quando tomam conhecimento, e para quem está dentro da área o discurso é sempre a mesma coisa, fica esta coisa batida, e nós ficamos nos repetindo...

Esse comentário põe em palavras minha própria surpresa. Uma surpresa “de dentro”, que reclama também agora essa mesma repetição. O que vemos é que o discurso aparentemente “gasto” faz-se necessário, precisando ser repetido inúmeras vezes para que a constituição social dessa língua minoritária ocorra, ou seja, para chegarmos à legitimação e ao reconhecimento, por parte da sociedade como um todo, de que a língua de sinais *É* uma língua. Certamente a marca linguística não é a única questão nas discussões sobre a surdez, mas é a legitimidade da língua que confere ao surdo alguma “libertação” e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. Tornar visível a língua desvia a concepção da sur-

dez como deficiência — vinculada às lacunas na cognição e no pensamento — para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural.

Qual é, pois, o objetivo de escrever este livro? Em primeiro lugar, é criar um espaço em que esse tipo de discussão seja pensado. De forma mais geral, o desejo do livro origina-se de reflexões sobre algumas questões relativas à área da surdez, pensando especificamente a relação do ouvinte com esse outro mundo. O momento parece oportuno e particularmente pertinente, na medida em que decisões políticas têm propiciado um olhar diferenciado para as minorias linguísticas no Brasil. Percebe-se que os discursos sobre o surdo, a língua de sinais e a surdez, de uma forma ampliada, “abrem-se” para dois mundos desconhecidos entre si: o do surdo em relação ao mundo ouvinte e o do ouvinte em relação ao mundo surdo.

O conteúdo aqui esboçado pode alcançar diferentes leitores: surdos, ouvintes, leigos, profissionais da surdez, estudantes, professores ou simplesmente curiosos. Várias são as preocupações aqui delineadas. A principal é a de ilustrar falas recorrentes e repetitivas advindas de algumas situações de interação face a face *com/entre* surdos e ouvintes para trazer à tona algumas crenças, preconceitos e questionamentos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Essa discussão é crucial, pois *na* e *através* da linguagem estamos constantemente construindo representações, crenças e significados afirmados, consumidos, naturalizados e disseminados na sociedade, nos espaços escolares e familiares, muitas vezes como “normas” e “verdades absolutas”.

O leitor encontrará neste livro manifestações discursivas organizadas em três capítulos sob forma de perguntas ou afirmações que venho registrando e acumulando — por meio de conversas formais e informais — nas minhas idas e vindas em contextos de ensino de LIBRAS para ouvintes, em eventos acadêmicos e em interações cotidianas. O leitor poderá vislumbrar no livro um ponto de partida para evocar o **RE**pensar de algumas crenças compartilhadas, práticas, conceitos e posturas à luz de algumas transformações que marcam a área da surdez na atualidade. Ou seja, o que se espera é poder promover um direcionamento para um novo olhar, uma nova forma de narrar a(s) realidade(s) surda(s).

Ao recuperar, no título, a fala de um pai que confessa seu estranhamento em relação à língua do filho surdo, ao dizer “*LIBRAS? Que língua é essa?*”, quero flagrar o total desconhecimento dessa realidade linguística, tanto por parte daqueles que convivem de perto com a surdez, quanto por parte da sociedade ouvinte de maneira geral. Além disso, propõe-se um espaço de articulação em que questões similares possam ser pensadas e, sem evitar seu estranhamento, tornadas mais familiares. Essa foi a forma encontrada para também sensibilizar ouvintes sobre um mundo surdo desconhecido e complexo. Como disse o poeta Leopardi, “à força de repetições, e, portanto, de hábito”, podem ser criadas oportunidades para reflexões e mudanças sobre algumas opiniões e também crenças daqueles que não estão ou nunca estiveram em contato com o surdo, a língua de sinais e a surdez.